



PERFIL DE ESTUDANTES, TÉCNICOS E TÉCNICAS ADMINISTRATIVOS TRANS NA UFMG

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira¹
Beatriz Marques Trindade Campos²
Raul Alvim Capistrano³

RESUMO

As instituições escolares são ambientes inóspitos para dissidentes das expressões normalizadas e alinhadas com o binarismo engendrado pelo sistema sexo-gênero. É consensual entre pesquisadores e ativistas que é a transfobia presente nessas instituições que impede as pessoas trans de permanecerem frequentando os bancos escolares nos quais vários indicadores apontam o abandono precoce da escola e a não entrada no ensino superior desse público— razão para a baixa profissionalização e, como um desdobramento, concorrente direito para o ingresso, por exemplo, no mercado sexual da prostituição.

Essa realidade aos poucos vem se alterando, mesmo em um contexto tão adverso, a partir da aprovação do uso do nome social nos registros escolares. E o artigo aqui apresentado busca elaborar um perfil de estudantes trans no Ensino Superior a partir de sua inserção na Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, trazendo elementos que caracterizam quem são esses sujeitos ao compor um perfil de um segmento dessa população que enfrenta tantas dificuldades de acessar esse nível de ensino.

O questionário foi enviado por e-mail para os trinta cinco estudantes trans da universidade com um convite para participar da pesquisa. Desse universo, quinze pessoas aceitaram participar e responder o questionário que está organizado em cinco seções específicas: identificação pessoal, escolarização, família de origem, religião, coabitação e moradia, renda, e pela exiguidade da estrutura do presente artigo apresentamos aqui alguns elementos dessas seções dos questionários aplicados.

Palavras-chave: transgenerificação, Ensino Superior e transfobia.

¹ Prof. Dr. na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, pauloqn@yahoo.com.br.

² Graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, beatriz-trindade@livre.com, bolsista de iniciação científica.

³ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, raulcaps@hotmail.com, bolsista de iniciação científica.





PERFIL DE ESTUDANTES, TÉCNICOS E TÉCNICAS ADMINISTRATIVOS TRANS NA UFMG⁴

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira⁵

Beatriz Marques Trindade Campos⁶

Raul Alvim Capistrano⁷

1. INTRODUÇÃO

O texto aqui apresentado faz parte de um projeto maior denominado “A Presença de Pessoas Trans na UFMG: perspectivas interpessoais e institucionais”. A investigação inicia-se em 2017 e encontra-se em sua segunda fase de categorização das entrevistas realizadas entre os participantes⁸, portanto, o que aqui apresentamos é um recorte da primeira fase, já encerrada, em que foram aplicados questionários entre os que se dispuseram a participar da pesquisa com os dados censitários relativos a estudantes, técnicos e técnicas administrativos que estudam e trabalham na Universidade Federal de Minas Gerais – não é do conhecimento a presença de professores ou professoras trans⁹ no atual quadro docente da UFMG.

Essa pesquisa tem como objetivo identificar e analisar experiências de trânsito de gênero de pessoas trans na Universidade Federal de Minas Gerais. Buscando estabelecer, através do uso de narrativas, como essas experiências marcam a trajetória pessoal e escolar desses sujeitos em seu ingresso na universidade e no cotidiano de suas experiências acadêmicas e profissionais nas várias unidades da universidade.

Assumindo-se aqui, como hipótese dessa pesquisa, que pessoas trans, em um longo processo de reconhecimento identitário, vivenciam e expressam percepções de gênero contrárias as designadas pela fixidez presente no binarismo das normas de gênero. E que, portanto, tanto de um ponto de vista pessoal, quanto institucional, sua inserção em instituições educacionais, em especial a UFMG, dar-se-á em contextos discriminatórios em que a transfobia vitimizaria esses corpos e inferiorizaria essas expressões de gênero.

⁴Essa pesquisa conta com o apoio financeiro da: Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis/PRAE/UFMG

⁵Prof. Dr. na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, pauloqn@yahoo.com.br.

⁶Graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, beatriz-trindade@livre.com, bolsista de iniciação científica.

⁷Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, raulcaps@hotmail.com, bolsista de iniciação científica.

⁸Uma das questões mais delicadas no contexto dessa pesquisa é como nomear as pessoas no espectro do sistema sexo- gênero. Buscou-se usar termos que não marcassem restritivamente o binarismo de gênero como, por exemplo, estudante no lugar de aluno/aluna. Mas decidimos manter o uso genérico do masculino no decorrer do texto quando se referir ao conjunto de pessoas pesquisadas ou qualquer outra situação em que se configure a presença de distintas posições de gênero. Buscamos, quando possível, indicar as variações identitárias entre masculino e feminino e ao se tratar de pessoas trans respeitamos como as pessoas se identificam, inclusive as pessoas não-binárias.

⁹O uso do termo “trans”, como aqui grafado, busca agrupar as múltiplas variáveis de transições a que a pesquisa busca identificar. (STRIKER, 2009, 2017)





O que está articulado nessa hipótese é que tais condições podem ser investigadas a partir da narrativa desses sujeitos sobre essas experiências e, em seus desdobramentos, as lógicas institucionais que amparam as relações interpessoais dentro das unidades acadêmicas possam vir a sofrer intervenção de forma a minorar a transfobia e permitir uma melhor inserção desses sujeitos no cotidiano acadêmico.

Essa pesquisa, portanto, associa-se a uma dimensão extensionista junto à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis/PRAE com o intuito de fortalecer, especificamente, o combate à transfobia e, em seus desdobramentos, a heteronormatividade como um dos índices sistêmicos de regulação dos corpos presentes no complexo relacional do sistema sexo-gênero. (WARNER, 1993)

2. METODOLOGIA

Estabelecemos, como campo teórico e conceitual, o campo de estudos de gênero, gays e lésbicos e *queer* na composição dos referenciais analíticos e utilizamos como método de produção de dados o uso de questionários e de técnicas associadas à concessão pelos depoentes de entrevistas narrativas, cujo objetivo principal é reconstruir a dinâmica interação entre processos biográficos individuais e mecanismos coletivos/institucionais.

Ao nos propormos realizar uma pesquisa qualitativa, em consonância aos objetivos aqui propostos de compreender e analisar os processos interpessoais e institucionais engendradas pela presença de pessoas trans com a institucionalidade no cotidiano das unidades acadêmicas em que essas pessoas estão inseridas, percebemos a necessidade de compor um perfil dessa população através do uso de questionários on-line disponibilizado a todos e todas que consentiram a participar da pesquisa.

São esses dados que serão aqui apresentados posto que as entrevistas, apesar de finalizadas, ainda encontram-se em andamento a sua categorização e análise.

3. DESENVOLVIMENTO

A pesquisa iniciou-se no segundo semestre de 2017 com a coleta de informações junto a Pró-Reitora de Graduação/PROGRAD da UFMG para o levantamento de estudantes que tenham solicitado o uso do nome social aprovado pelo Conselho Universitário no dia 7 de julho de 2015.

Nesse primeiro levantamento, foram listados vinte estudantes, dezenove matriculados na graduação e um na pós-graduação. Sendo que, desse total, duas tinham abandonado os seus curso de origem e um estudante tinha matrícula em disciplina isolada – o que torna o vínculo precário frente aos demais estudantes regulares, sendo impossível saber o



curso ou área de conhecimento, como de estabelecer contato com esse estudante devido a ausência de e-mail nos registros acadêmicos. Excetuando-se esse último, foram enviados aos demais e-mails convidando-os a participarem de entrevistas.

Além desse grupo inicial, outras pessoas trans entraram nos semestre subsequentes: nove no primeiro semestre de 2018 e mais dois no segundo semestre do mesmo ano – sabemos de outros ingressos no ano corrente, mas, infelizmente, não foi possível inseri-los na pesquisa.

Importante dizer que, além desse número de estudantes conhecidos através dos pedidos protocolados junto a PROGRAD de uso do nome social e devido a natureza da pesquisa, buscamos tomar conhecimento de outros sujeitos que se identificassem como pessoas trans e que, através de uma abordagem não-probabilística de composição da amostra pesquisada, também fosse possível enviar e-mail, conseguimos entrar em contato no período acima, entre o segundo semestre de 2017 e o segundo semestre de 2018, com um estudante que fez a retificação do nome antes de seu ingresso na instituição, não necessitando, portanto, de lançar mão da portaria do nome social.¹⁰

Assim, o total de pessoas trans que foram contatadas inicialmente foi de 33 pessoas para as quais foram enviados e-mails apresentando a pesquisa, as convidando a responderem o questionário e darem entrevista.

Dois aspectos são aqui relevantes, o primeiro é de que a distribuição desses estudantes/técnicos entre os cursos é bastante aleatória e dispersa em vários cursos de diferentes áreas do conhecimento: dois deles ingressaram nas Ciências Biológicas, dois nas Engenharias/Tecnologias, outros dois nas Ciências da Saúde, quatro nas Ciências Exatas e da Terra, seis nas Ciências Humanas, sete nas Ciências Sociais Aplicadas e nove nas Linguísticas, Letras e Artes, perfazendo trinta e quatro estudantes trans – um deles, como fazia disciplina isolada, não foi possível contabilizar o curso que estava inserido. Sendo que desses trinta e quatro, dois estudantes estão na pós-graduação: um numa especialização e outra no doutorado.

O segundo aspecto é de que apenas seis dessas trinta e cinco pessoas entraram antes de 2015 - quando foi aprovado o uso do nome social na universidade - o que nos leva a pensar

¹⁰ Outros estudantes no decorrer de 2019 nos procuraram, através da rede que se formou em torno à pesquisa, inclusive por serem pessoas que não acessaram o nome social por estarem ainda em processo de transição e, portanto, chegaram até nós via “bola de neve”. Infelizmente, por um recorte temporal, essas pessoas não foram entrevistadas para a pesquisa, mas estamos em contato com elas no intuito, inclusive, de fortalecer a presença delas na instituição.



que a aprovação e regulamentação do uso do nome social é matéria de suma importância para a entrada e permanência de sujeitos trans na vida universitária.

Do total de trinta e cinco com quem fizemos contato, obtivemos quinze participações entre estudantes e funcionários – sendo que a técnica e o técnico administrativos também são estudantes universitários e, portanto, reivindicaram o uso do nome social na instituição, simultaneamente, como estudantes e funcionários.¹¹

Em todas as perguntas buscou-se preservar a intimidade e o direito a não se pronunciar sobre qualquer um dos aspectos perguntados, assim, mesmo tratando-se de um questionário fechado, com múltiplas escolhas, permitiu-se que cada respondente, em desacordo com as opções previamente discriminadas, marcassem como resposta a opção “Prefiro não dizer” ou “Outra”, sendo no caso de “Outra” se permitiria uma escolha singular em campo aberto para que, caso fosse desejável, cada respondente pudesse explicitar uma variável entre as opções não prevista – as questões em que essas duas possibilidades não foram dadas, não era obrigatórias serem respondidas, bastando não marcar nenhuma das opções.

O questionário foi disponibilizado através de uma plataforma online e constava com perguntas divididas em cinco seções específicas: identificação pessoal, escolarização, família de origem, religião, coabitação e moradia e renda.

4. RESULTADOS

Devido à exiguidade do número de página do presente texto, iremos nos prender a alguns dados mais relevantes, de algumas dessas seções, permitindo que se trouxesse aqui um perfil dessas pessoas.

4.1. Dados pessoais

Do total dos quinze respondentes, há uma distribuição por idade conforme a tabela abaixo por ano de nascimento:

¹¹ No contexto específico desse trabalho, não iremos destacar os dados desses dois funcionários e os trataremos no âmbito geral dos dados entre os estudantes por de fato terem o registro acadêmico como estudante.



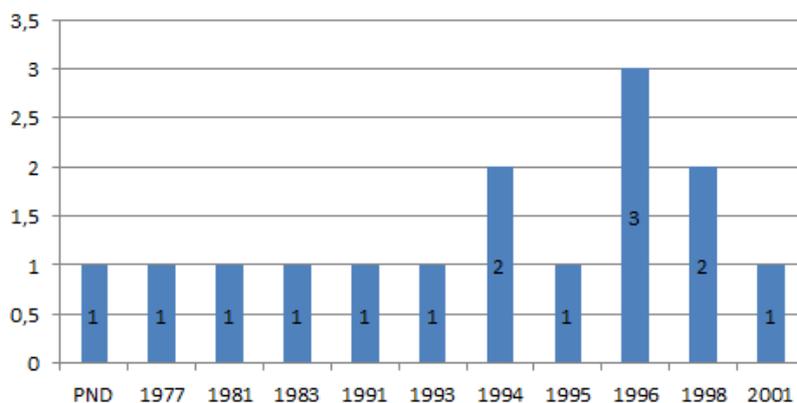


Gráfico 1: Distribuição dos respondentes por ano de nascimento¹²

A tabela abaixo compara o ano do nascimento com o ano de ingresso na UFMG.

Ano de nascimento	Ano de ingresso na UFMG	Ano de nascimento	Ano de ingresso na UFMG	Ano de nascimento	Ano de ingresso na UFMG
1.PND ¹³	2018	6.1993	2013	11.1996	2016
2.1977	2016	7.1994	2016	12.1996	2016
3.1981	2016	8.1994	2016	13.1998	2018
4.1983	2016	9.1995	2017	14.1998	2018
5.1991	2018	10.1996	2016	15.2001	2018

Se compararmos ao ano de nascimento com o ano de ingresso na universidade como estudante, perceberemos uma tendência de ingresso ligeiramente acima da idade ideal prevista para a inserção no Ensino Superior para os treze estudantes de graduação que informaram ambos os dados. Apenas um desses estudantes ingressou na faixa etária entre dezessete e dezenove anos, sendo que nove entraram na faixa seguinte, entre vinte e vinte e dois anos, e os outros três restantes acima dos vinte e seis anos de idade, sendo um para cada uma das faixas etárias entre 26 – 28, 32 – 34 e 35 – 37.

Acerca da identidade de gênero, os respondentes assim se reconhecem:

Identidade de Gênero	Orientação Sexual	Identidade de Gênero	Orientação Sexual	Identidade de Gênero	Orientação Sexual
1. Homem Transexual	Heterossexual	6. Homem	Pansexual	11. Mulher Transexual	Heterossexual
2. Homem Transexual	Bissexual	7. Trans não binárix	Bissexual	12. Travesti	Bissexual
3. Homem Transexual	Heterossexual	8. Mulher Transexual	Heterossexual	13. Homem Transexual	Heterossexual
4. Homem Transexual	Bissexual	9. Mulher Transexual	Homossexual	14. Mulher Transexual	Heterossexual
5. Mulher Transexual	Heterossexual	10. Mulher	Heterossexual	15. Mulher Transexual	Bissexual

¹² PND – Prefiro não dizer

¹³ Estudante de doutorado



Essas indicações já nos dizem da variedade de algumas das variáveis possíveis em que se compõem as identidades de gênero e os diferentes reconhecimentos atribuídos a si e aos trânsitos de gênero por essas e outras pessoas trans.

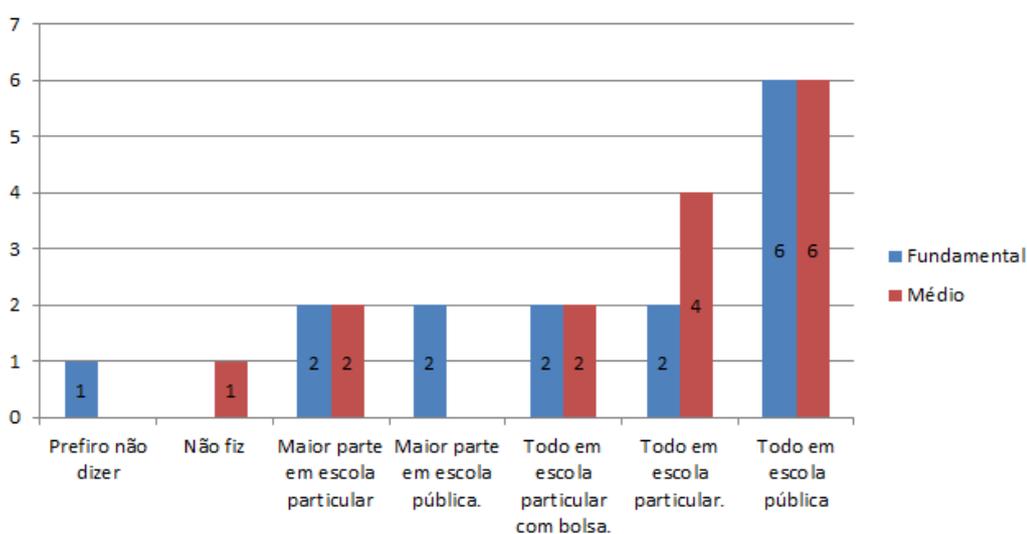
Rompendo com a perspectiva de se tratarem de pessoas homossexuais, como são inadvertidamente lidas as pessoas que divergem da linearidade entre sexo e gênero estabelecida pela heteronorma, mas, sim, de outras possibilidades indentitárias que, inclusive, rompem com o dualismo heterossexista ao ampliar os trânsitos de gêneros como uma relação unívoca entre dois polos como prescrito pelos binarismos que atravessam o sistema sexo-gênero. (BUTLER, 2002, 2006, 2010).

4.2. Escolarização

Por se tratarem de estudantes universitários, o universo da pesquisa e a amostragem aqui representada se diferenciam bastante do universo investigado em outras pesquisas com públicos trans a que tivemos acesso.¹⁴

Esses trabalhos se dedicam a investigar as travestis que atuam como profissionais do sexo e, assim, acessam uma renda que lhes permitira sobreviver. A característica dessa população trans quanto à escolaridade é marcada pelo abandono da escola durante o processo de transição, possuindo, portanto, baixa escolaridade, não acessando os bancos universitários.

Todas as trinta e cinco pessoas que compõem o universo de nossa pesquisa estão no ensino superior, tendo, portanto, acessado a Educação Básica, sendo que na amostragem dos que responderam o questionário a distribuição assim se dá:



¹⁴ ALVES, 2017; ANDRADE, 2012; BARBOSA, 2010; BENEDETTI, 2002, 2005; BÔER, 2003; BOHM, 2009; DAVI, 2013; DUQUE, 2011; FERRAZ, 2006; FLORENTINO, 1998; GARCIA, 2007; KULICK, 2008; OLIVERIA, 1997; PELÚCIO, 2009; PERES, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2009; PRADO, 2016; SANTOS, 2008; SILVA e FLORENTINO, 1996; SILVA, 1996, 1993; TEIXEIRA, 2009.





Gráfico 2: Distribuição dos respondentes por nível de nível de ensino e origem do estabelecimento escolar

Entretanto, mesmo considerando ser um grupo bastante mais homogêneo quanto ao percurso escolar na Educação Básica, a distribuição dos indivíduos nesse percurso é bastante diferenciada, indicando diferentes estratégias de escolarização.

Podemos perceber, por exemplo, um dos estudantes não fez o Ensino Médio; enquanto seis pessoas cursaram todo o Ensino Fundamental ou todo o Ensino Médio em escola pública; apenas dois respondentes concentraram sua escolarização na escola particular no Ensino Fundamental, enquanto no Ensino Médio esse número cresce para quatro, o que nos indica a adesão a umas das estratégias mais usadas entre as famílias brasileiras de escolher a escola privada quanto mais se aproxima o ingresso no Ensino Superior, devida a necessidade de se obter uma vaga em processos seletivos das universidades públicas; além de que dois fizeram uso do expediente de bolsas para custear sua inserção na escola privada.

Quanto ao ingresso na UFMG, dos quinze estudantes, nove ingressaram através de vagas destinadas à ampla concorrência e, possivelmente, seriam estudantes oriundos da escola privada, posto que não é vinculante que os egressos de escola pública optem pelo ingresso por reserva de vaga. Os outros seis, são egressos de escola pública, sendo três deles negros, pretos ou pardos segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE.

4.3. Família de origem

Consideramos famílias de origem as advindas das relações familiares com as figuras paternas ou responsáveis sob os quais estiveram sob a guarda durante a infância e adolescência até o ingresso no mundo adulto, as respostas indicam a existência de pai e mãe como componentes e referências familiares dos respondentes.

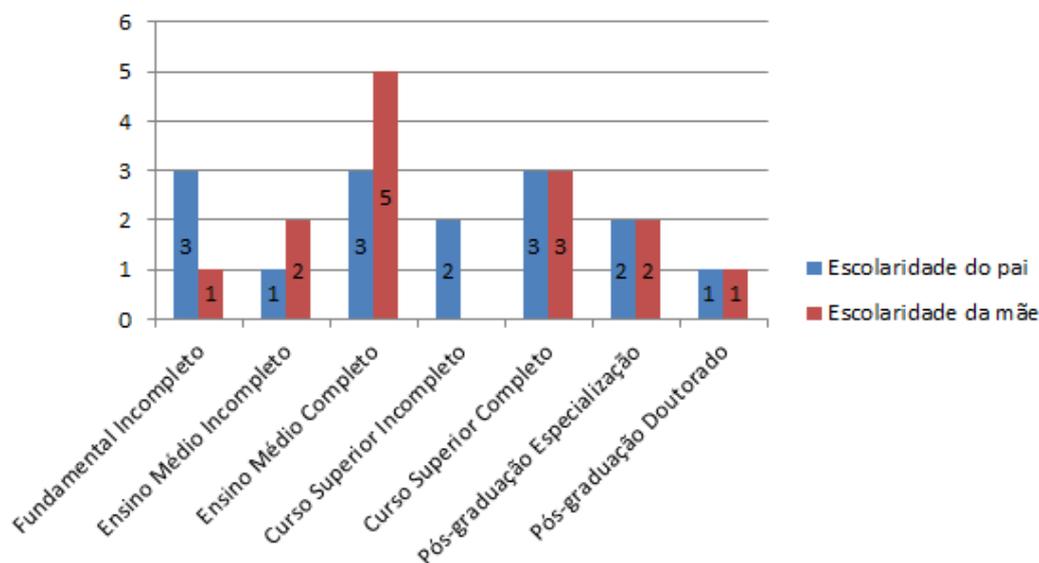


Gráfico 3: Distribuição dos pais por escolaridade





Já a distribuição da ocupação dos pais obedece a seguinte caracterização:

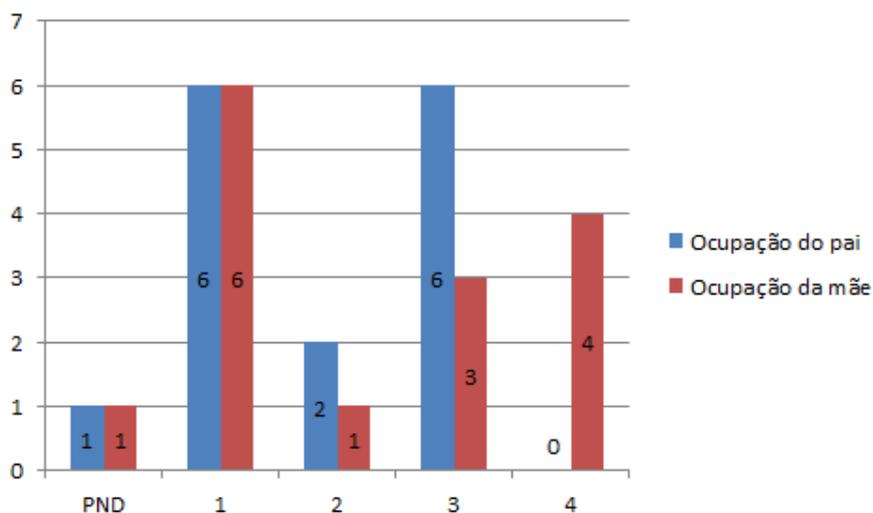


Gráfico 4: Distribuição dos pais por ocupação

A ocupação do tipo um são as atividades não manuais de médio e alto prestígio social e que exigem formação superior ou que conferem amplo prestígio social como médico, empresário, professor e engenheiro, sendo seis pais e seis mães nesse tipo; a do tipo dois são funções laborais não manuais de baixo prestígio social que exigem no máximo o segundo grau como vendedores, bancários e funcionários públicos, sendo dois pais e uma mãe nesse âmbito; a do tipo três são funções manuais especializadas como mecânicos, motoristas de máquinas e técnicos, seis pais e três mães; e, por fim, as ocupações de nível quatro que agrupam os serviços manuais não especializados como empregada doméstica, zelador, babá, porteiro, jardineiro, vigia, segurança e dona de casa, quatro mães e nenhum pai se encontram nessa categoria – havendo um respondente que não disse quais as ocupações de seus pais.

Podemos observar, portanto, que se trata de um grupo bastante escolarizado e com ocupações profissões que conferem médio ou alto prestígio a maior parte de seus membros, mesmo que também se encontre alguns pais e mães com uma escolaridade menor e com ocupação de menor prestígio social, principalmente entre as mães.

4.4. Religião

Acerca da religiosidade quanto a profissão de fé e a participação religiosa, temos a seguinte distribuição:

Religião que professa	
Candomblé / Umbanda	1
Espírita	2
Não professa	11
PND	1

Participação religiosa	
Nada praticante	9
Pouco praticante	3
PND	3





Constatando-se ser um grupo com baixa adesão a uma profissão de fé, e quando a expressa é por religiões consideradas tolerantes as transgênerificações. Esse aspecto de baixa adesão também transparece na pouca participação.

4.5. Coabitação e moradia

A moradia encontra-se assim distribuída:

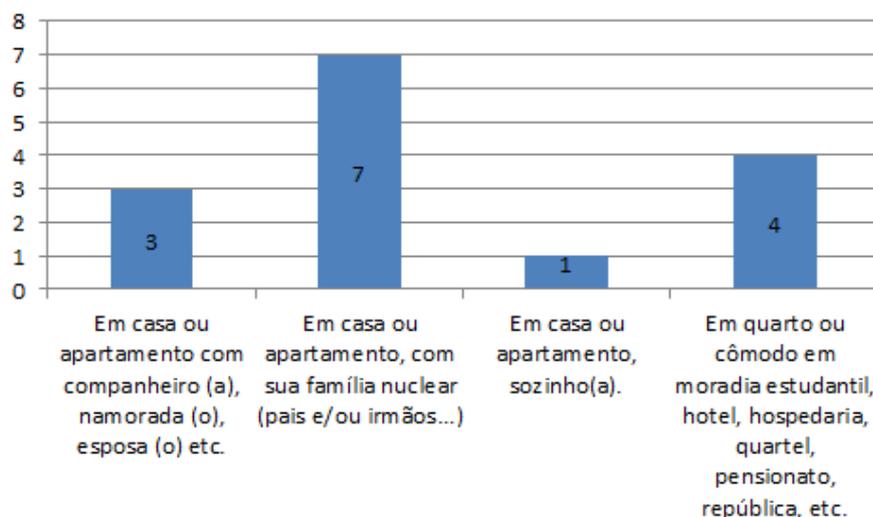


Gráfico 5: Distribuição de caracterização da moradia

Podendo se observar que a maioria mora com a família, sendo ela a de origem ou constituída pelos sujeitos da pesquisa, outros ainda estabelecem relações de coabitação com amigos em diferentes modelos de moradia.

4.6. Renda

A distribuição da renda individual e do grupo de moradia é apresentada no gráfico abaixo:

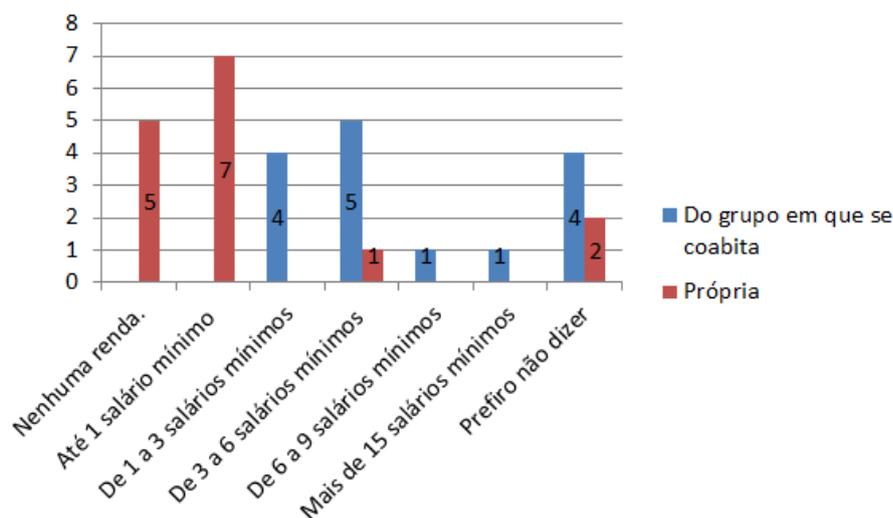


Gráfico 6: Distribuição da renda





Como percebemos, há diferenças significativas entre os valores recebidos pelos respondentes indiretamente através dos grupos de coabitação e a renda diretamente acessada pelos respondentes. Alguns, cinco respondentes, não acessam nenhuma renda individualmente, enquanto sete acessam uma renda de até um salário mínimo, o que nos indica que a condição de estudante lhes ocupam a maior parte do tempo por ser uma atividade não remunerada ou, quando remunerada, ser uma renda básica para custear a sobrevivência e que, portanto, essas doze pessoas dependem, em alguma medida, da renda do grupo de coabitação para permanecerem estudando.

Isso se confirma ao levarmos em consideração as atividades que exercem atualmente:

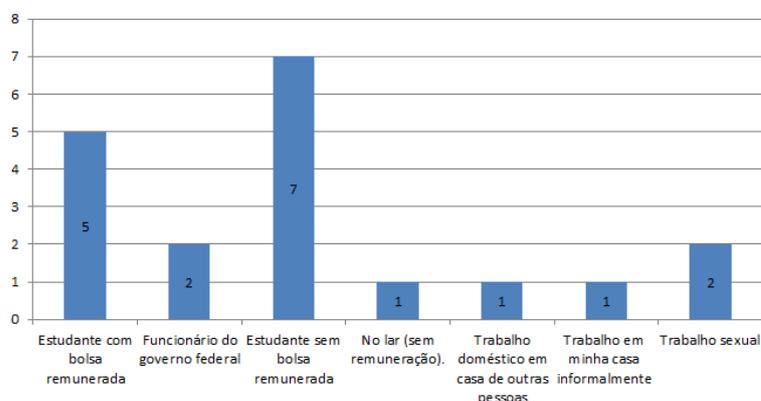


Gráfico 7: Atividade exercida e acesso à renda

Com exceção dos dois estudantes, um homem e uma mulher, que são também técnicos administrativos da UFMG, todos os outros doze estudantes se dedicam aos estudos, como atividade prioritária, e dependem da renda do grupo de coabitação, família de origem ou não, para garantir a sobrevivência. Sendo que o acesso a bolsas ofertadas pela UFMG, acadêmicas e assistenciais, é decisivo na garantia de uma renda básica para cinco desses estudantes, sendo sete os que não possuem nenhuma bolsa. Tanto um grupo, quanto o outro desses estudantes, entretanto, realizam trabalhos informais para complementar a renda – havendo trabalho informal inclusive não remunerado.

Vale destacar, entre os trabalhos informais exercidos, o acesso ao trabalho sexual por duas das respondentes que fazem uso da prostituição para ajudar no orçamento.

5. CONCLUSÃO

Há poucas pesquisas realizadas sobre experiências de transgenerificação relacionando a escolarização de pessoas trans no Brasil. E, em sua maioria, essas pesquisas se detêm sobre o universo específico da travestilidade – acentuadamente associando essa expressão e identidade de gênero ao fenômeno da prostituição e ao mercado sexual. Ou seja,





as pesquisas existentes, quando se debruçam sobre a escolarização de pessoas trans, detém-se sobre sujeitos que, em sua maioria, não chegam ao Ensino Superior.

Nesse sentido, a pesquisa por nós conduzida traz elementos bastante inovadores para pensar outra realidade em contextos bem distintos e o perfil aqui apresentando faz emergir um perfil particular de estudantes universitários. Tratando-se de um grupo diverso em sua composição em que os indivíduos se distribuem entre frações das camadas médias a partir do acesso a renda que elas e suas famílias acessam.

Um dos elementos que contribuem para essa afirmação são estratégias usadas por esses estratos sociais para possibilitar o ingresso na universidade pública como, por exemplo, a escolha dos estabelecimentos durante os percursos escolares.

E, após o ingresso, veem-se diante de dilemas próprios de garantia de permanência na universidade em que, por um lado, questões como o acesso a assistência estudantil e/ou bolsas acadêmicas, por exemplo, pode vir a se definidora das condicionalidades de continuação ou não do curso; ou, por outro lado, permanecer vivendo no núcleo familiar de origem, sendo custeado pelos pais, também se apresenta como uma variável importante.

Quanto à particularidade de gênero, esses estudantes trans apontam uma dimensão bem distinta da população em geral que é o grande número de pessoas que não professam nenhuma religião somada a uma baixa adesão a práticas religiosas, e quando declarada a adesão a uma religião, a escolha recai sobre expressões religiosas de maior tolerância com pessoas trans.

Outra particularidade é o uso do trabalho sexual por duas estudantes que já aponta ser um aspecto importante a ser investigado posteriormente nas análises das entrevistas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Claudio. Nome Sui Generis: o nome (social) como dispositivo de identificação de gênero. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017, 304p.
- ANDRADE, Luma. Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa Fortaleza: PPG em educação da Faculdade de Educação da UFC, 2012, 278p. (mimeo) (tese de doutorado)
- BARBOSA, Bruno. Nomes e diferenças uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual. São Paulo: PPG em Antropologia Social/USP, 2010, 130p. (mimeo) (dissertação de mestrado)
- BENEDETTI, Marcos. A calçada das máscaras. In: GOLIN, Célio; WEILER, Luís Gustavo (Orgs.). Homossexualidades: cultura e política. Porto Alegre: Nuances, 2002, p. 140 – 151.
- BENEDETTI, Marcos. Toda feita: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 142p.
- BÖER, Alexandre et al. (Orgs.). Construindo a igualdade: a história da prostituição de travestis em Porto Alegre. Porto Alegre: Igualdade, 2003, 151p.
- BOHM, Alessandra. Os “monstros” e a escola: identidade e escolaridade de sujeitos travestis. Porto Alegre: PPG em educação da Faculdade de Educação da UFRS, 2009p. (mimeo) (dissertação de mestrado)
- BUTLER, Judith. “Cuerpos que Importan” – Sobre os límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires/Barcelona/México: Paidós, 2002, 345p.
- BUTLER, Judith. Deshacer el género. Madrid: Paidós, 2006. 392 p.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 236 p.



- DAVI, Edmar. *Belíssima: um estudo merleau-pontyano da corporalidade travesti*. Ribeirão Preto: PPG em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/USP, 2013, 183p. (mimeo) (tese de doutorado)
- DUQUE, Tiago. *Montagens e Desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011, 184p.
- FERRAZ, Elisabeth. (coord.) *Travestis Profissionais do Sexo: parcerias do Asfalto: conhecimento, atitudes e práticas sobre a o HIV/AIDS em Uberlândia*. Rio de Janeiro: BENFAN, 2006, 236p.
- FLORENTINO, Cristina. *Bicha tu tens na barriga, eu sou mulher: etnografia sobre travestis em Porto Alegre*. Florianópolis: PPG em Antropologia Social UFSC, 1998, 172p. (dissertação de mestrado)
- FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GAMSON, Joshua. *As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa*. In.: DENZIN, Norman.; LINCOLN, Yvonna. (orgs). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 345 – 362.
- GARCIA, Marcos Roberto Vieira. *Dragões: Gênero, Corpo, Trabalho e Violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda*. São Paulo, PPG em Psicologia, 2007, 176p. (mimeo) (tese de doutorado)
- HARAWAY, Donna Jeanne. *Simians, cyborgs, and women : the reinvention of nature*. New York: Routledge, 1991. 287p.
- KULICK, Don. *Travesti prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008, 279p.
- OLIVEIRA, Marcelo. *O lugar do travesti em desterro*. Florianópolis: PPG em Antropologia Social UFSC, 1997, 205p. (mimeo) (dissertação de mestrado)
- PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: FAPESP: AnnaBlume, 2009. 262 p.
- PERES, Wiliam. *Processos de estigmatização e estratégias de resistência: violência, exclusão e sofrimento psíquico*. In: PARKER, Richard G. et al. (Orgs.). *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004a, p. 116 – 122.
- PERES, Wiliam. *Travestis brasileiras: construindo identidades cidadãs*. In: GROSSI, Mirian et al. (Orgs.). *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005b. 53 – 68p.
- PERES, Wiliam. *Travestis: subjetividades em construção permanente*. In: UZIEL, Anna; RIOS, Luís; PARKER, Richard. (Org.). *Construções da Sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004b, p. 115-128.
- PERES, William. *Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira*. In.: JUNQUEIRA, Rogério. (org). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 235 – 263.*
- PERES, William. *Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade dos estigmas à construção da cidadania*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 2005a, 194p. (mimeo) (tese de doutorado)
- PRADO, Marco. (coord.). *Relatório de pesquisa: direitos e violência na experiência de travestis e transexuais na cidade de Belo Horizonte: construção de um perfil social em diálogo com a população*. Belo Horizonte: NUH, 2016, 242p. (mimeo)
- SANTOS, Paulo *Entre necas, peitos e picumãs: subjetividade e construção indenitária das travestis do Jardim Itatinga*. Campinas: Dissertação de Mestrado PPG em Educação Faculdade de Educação/Universidade Estadual de Campinas, 2008, 120p. (mimeo) (dissertação de mestrado)
- SILVA, Hélio, e FLORENTINO, Cristina. *Uma sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações*. In.: PARKER, Richard. & BARBOSA, Regina. (orgs.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: ABIA / IMSUERJ / Relume-Dumará. 1996, p. 105-118.
- SILVA, Hélio. *Certas Cariocas: travestis e vida de rua no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relumé Dumará: Prefeitura do Rio de Janeiro, 1996, 118p.
- SILVA, Hélio. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relumé Dumará: ISER, 1993. 176p.
- STRYKER, Susan. *Historia de los Trans*. Madrid: Contita Me Tienes, 2017, 325p.
- STRYKER, Susan. WHITTLE, Stephen. (orgs) *The transgender studies reader*. New York: Routledge, vol. 1, 2006, 752p.
- TEIXEIRA, Flávia. *Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade*. Campinas: PPG em Ciências Sociais da UNICAMP, 2009, p. 226. (mimeo) (tese de doutorado)
- WARNER, Michael. (org.) *Fear of a queer planet: queer politics and social theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993, 334p.